



## **A ação dos jornalistas na noticiabilidade de reportagens de comportamento: a gênese das pautas no suplemento temático *Meu Filho*, do jornal *Zero Hora* <sup>1</sup>**

Patrícia Rocha da Silva<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, aluna de mestrado

### **Resumo**

O texto discute a capacidade de intervenção dos jornalistas na produção de reportagens de comportamento ao se basearem na experiência vivida e compartilhada e na própria visão de mundo como parâmetros para definir o grau de noticiabilidade e conferir atualidade a conteúdos midiáticos. Para debater essas questões partiu-se da análise da gênese das pautas do caderno *Meu Filho*, do jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre.

### **Palavras-chave**

Jornalismo; Jornalismo e representações sociais; Identidades do jornalista; Noticiabilidade; Público presumido.

### **Introdução**

O acontecimento não é apenas base da notícia, mas também atravessa as teorias do jornalismo. Da teoria do espelho, que percebe os relatos noticiosos como reflexo fiel dos eventos, à teoria construcionista, que pressupõe a construção social da realidade em que “enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia também cria o acontecimento” (TRAQUINA, 1993)<sup>3</sup>, o foco é como o fazer jornalístico dá caráter público aos fatos considerados relevantes.

Propomos aqui desviar o olhar dos acontecimentos para desvelar uma crescente produção jornalística que trata de temas não-factuais. Além da cobertura de fatos inesperados, eventos programados e anúncios feitos por *release*, há também reportagens de comportamento que, via de regra, são pautadas por assuntos de suposto interesse público, impressões da vida cotidiana ou mesmo questões cíclicas e atemporais. Contrariando a lógica noticiosa e também a grande maioria dos estudos sobre as práticas jornalísticas, trata-se aqui de pensar as reportagens que nascem de dentro para fora das

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP 02 – Jornalismo.

<sup>2</sup> Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela UFRGS, mestranda em Comunicação e Informação pela UFRGS. E-mail: patiroc@yahoo.com.br

<sup>3</sup> TRAQUINA, Nelson, As notícias. In: TRAQUINA, Nelson (org). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*, p. 168, 1993.



redações. O que leva a, por exemplo, publicar em maio de 2005 e não em qualquer outra data reportagens como a problemática de pais que vivem longe dos filhos ou a presença de amigos imaginários na infância, quando não há uma determinação factual ou de relevância jornalística explícita? Por que estes temas e não outros quaisquer? Para quem se está falando?

A proposta é descrever a gênese das pautas de comportamento e também apontá-las como um objeto de estudo que pode suscitar novas abordagens a questões decisivas na pesquisa em jornalismo. Tendo como base a análise da construção dos assuntos abordados no suplemento semanal de comportamento *Meu Filho*, do jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, buscamos rever conceitos e levantar questões sobre a atualidade jornalística, a noticiabilidade, a noção de público presumido (VIZEU, 2004) e as influências da ação pessoal do jornalista sobre o resultado de seu trabalho (SERRA, 2004).

Nosso objetivo é mostrar como a experiência vivida e a visão de mundo dos jornalistas são atuantes na definição dos assuntos a serem publicados em matérias de comportamento, somando-se, é claro, às pressões impostas pelas rotinas produtivas e pela organização, bem como as influências da cultura profissional. Não se trata aqui de uma simples recuperação da teoria do gatekeeper<sup>4</sup>, mas de perceber como o conteúdo midiático reflete também questões de interesse dos próprios jornalistas e do meio que frequentam como parâmetros de realidade ou interesse público.

Para tanto, foi rastreada a origem de 36 matérias publicadas no jornal *Zero Hora*, mais especificamente no suplemento *Meu Filho*, composto de quatro páginas em tamanho tablóide, sendo a capa e a página central destinadas a reportagens sobre relacionamento de pais e filhos e também formação e desenvolvimento das crianças e a contracapa a solucionar dúvidas de leitores por meio de especialistas e à publicação de fotos de famílias (também dos leitores). Ao todo, foram contempladas 20 edições do período de 7 de fevereiro a 13 de junho de 2005. Foram entrevistados<sup>5</sup> o primeiro editor do caderno, que atuou desde seu início, em 30 de agosto de 2004, até a última edição de maio de 2005, e a única repórter fixa do suplemento que passou ao posto de editora desde então. A intenção aqui é traçar um primeiro panorama sobre esta abordagem e propor o debate.

---

<sup>4</sup> Conceito criado por Kurt Lewin, aplicado teoricamente por White em 1950 no estudo *O gatekeeper: uma análise de caso na seleção de notícias*.

<sup>5</sup> Este estudo não contemplou a observação participante, etapa que deverá ser cumprida para subsequente conclusão e também aprofundamento deste trabalho.



## 2 Noticiabilidade sem fatos

Apesar de reconhecer as contribuições das inúmeras tentativas de sistematizar os critérios de noticiabilidade na produção jornalística, Carlos Eduardo Franciscato apresentou em recente artigo as limitações metodológicas e teóricas destes estudos (2002)<sup>6</sup>. Para o autor, a estipulação e classificação de valores noticiosos e a sistematização da atividade jornalística como formas de reconhecimento e identificação dos eventos relevantes seriam concepções redutoras por não articular esses mecanismos e ferramentas de rotina com outros fatores que interferem no processo e que são substanciais para uma teorização aprofundada. Franciscato propõe, então, que se compreenda “as categorias propostas nos estudos sobre a noticiabilidade como componentes de dimensões da experiência humana e, como tal, construções sociais de modos de vivenciar esta experiência no cotidiano e na vida pública” (2002)<sup>7</sup>.

Para tanto, a proposta de Franciscato inclui repensar o papel do produtor na atribuição da noticiabilidade, conduzindo os estudos para “os processos que levam um jornalista a estabelecer uma relação e um ponto de um equilíbrio singular entre várias possibilidades, aspectos e condicionantes que comparecem na cristalização de cada notícia” (2002)<sup>8</sup>. Fundamentalmente, Franciscato defende ser preciso levar em conta a capacidade de intervenção do jornalista a partir de suas relações com a organização, o profissionalismo e o público. Pretende-se aqui seguir esse percurso, tentando refletir sobre as cinco dimensões da noticiabilidade destacadas pelo autor – atualidade e distanciamento do tempo presente; continuidade e ruptura; normalidade e anormalidade; importância e interesse; proximidade e distância.

Os estudos de noticiabilidade partem invariavelmente de como a produção jornalística seleciona, hierarquiza e constrói notícias a partir de uma abundância de eventos, programados ou não, e sugestões de pautas que chegam aos veículos de comunicação. Aqui, foca-se o inverso: o jornalismo que não parte de acontecimentos.

---

<sup>6</sup> FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *Limites teóricos e metodológicos nos estudos sobre a noticiabilidade*, 2002. Documento eletrônico.

<sup>7</sup> FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *Limites teóricos e metodológicos nos estudos sobre a noticiabilidade*, 2002. Documento eletrônico.

<sup>8</sup> FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *Limites teóricos e metodológicos nos estudos sobre a noticiabilidade*, 2002. Documento eletrônico.



Se não veio sugestão de lugar nenhum é meio apavorante: vou escrever o quê? Mas não dá para chegar a esse ponto, tem que ter alguma coisa te guiando. Ou o leitor que sugere alguma coisa, ou uma pauta que te sugere alguma coisa, ou um colega. Às vezes, no meio da semana, uma pauta não rendeu e temos de mudar para outra, sem muito tempo para fazer. Aí, trabalhar com o não-factual é muito mais complicado. No factual, sempre tem algo para te inspirar, ainda que não seja matéria do dia. Se o fato é que o marido matou a mulher, na edição de domingo a matéria pode ser o aumento dos crimes passionais no Estado, por exemplo. Há uma fonte de inspiração. Mas partindo do zero é complicado. (Editora do suplemento *Meu Filho*)

Por não ter cunho factual explícito, as reportagens de comportamento perfazem um roteiro peculiar como evidencia inclusive as discussões que antecederam o lançamento do caderno *Meu Filho*. Foram reunidos pais de diferentes editorias (setores) do jornal para que todos contribuíssem com idéias a partir de sua experiência individual, e as sugestões levantadas em dois desses encontros serviram de parâmetro para as primeiras edições. A tendência de buscar inspiração na vida privada dos membros da redação e nas experiências por eles observadas no dia-a-dia se manteve nas rotinas produtivas do caderno, como confirmou a análise das origens de 36 matérias publicadas<sup>9</sup> no período referido. Verificou-se que:

- 26 reportagens (72,3%) surgiram a partir de conversas informais ou reuniões de pauta;
- 6 (16,7%) foram sugestões de leitores por e-mail ou telefone;
- 4 (11%) foram sugestões de fontes ou assessorias de imprensa;

Das 26 reportagens sugeridas pelos membros da redação, 10 (38,5%) foram concebidas a partir de relatos de experiências vividas pelos jornalistas que atuam (ou atuaram) no caderno (na edição, revisão ou diagramação) e de colegas de outros setores do jornal, 5 (19,25%) pensadas para atender a datas de referência (volta às aulas, dia dos namorados, etc), 5 (19,25%) para integrar projetos institucionais da empresa<sup>10</sup>, 3 (11,5%) se originaram de leituras que interessaram aos jornalistas, 3 (11,5%) por experiências relatadas por amigos destes profissionais.

### **Ação pessoal e posicionamento social**

---

<sup>9</sup> Não foram contabilizadas três reportagens cuja origem o ex-editor e a atual editora não conseguiram lembrar.

<sup>10</sup> Das cinco reportagens originadas a partir de projetos institucionais, quatro foram pautadas diretamente pela campanha Educar é tudo, desenvolvida pela empresa durante o ano de 2005. Cada semana da campanha dá destaque um tema específico que serve de referência para elaboração da reportagem, como, por exemplo, “educar é ouvir” ou “educar é contar histórias”. Duas reportagens enquadradas nas temáticas da campanha foram aqui classificadas como “sugestão de fontes”, porque originaram-se de um lançamento de livro e de uma viagem a convite para a cobertura de



O que se percebe ao primeiro olhar é a subjetividade do processo de construção de temas de relevância, intrinsecamente relacionada à especificidade deste tipo de jornalismo: como seria possível regrar formas de perceber problemáticas familiares ou tendências de comportamento? Os valores-notícia talvez até tenham a capacidade de hierarquizar estes temas, mas teriam de destacá-los da vida cotidiana e privada como assuntos que mereçam caráter público?

Faz-se, então, necessária a proposta de Franciscato de ir além dos critérios sistematizados para identificar a capacidade de ação do jornalista nos processos produtivos. Dois dos aspectos sugeridos pelo autor como dimensões da noticiabilidade ganham especial relevo aqui – importância/interesse e proximidade/distância (2002). Não apenas como atributos jornalísticos de um dado evento ou tema, mas como qualidades conferidas pelos próprios jornalistas a situações que eles mesmos ou seus colegas e amigos viveram em família. Nesse caso, percebemos importância e interesse não apenas como o confronto entre conteúdo necessário e de interesse humano (de fruição), mas como uma combinação destes elementos na lógica do produtor. Tomamos proximidade não só como delimitação geográfica, mas ambiente de “relações sociais e culturais que constróem as referências de localização do indivíduo numa situação concreta” (FRANCISCATO, 2002)<sup>11</sup> – a experiência vivida na escolinha do filho ou as relações no bairro onde mora, que poderão virar assuntos de reportagens. Dois exemplos citados são ilustrativos: uma jornalista, mãe de um garoto de nove anos, tinha dúvidas a partir de qual idade poderia deixar seu filho ter pequenas liberdades, como ir ao armazém sozinho. O ex-editor do suplemento havia discutido com seu analista se deveria ou não perguntar aos filhos de sete e cinco anos o que eles desejavam ser quando crescessem, temendo induzi-los ou pressioná-los. Em ambos os casos, as dúvidas viraram ponto de partida para pautas do caderno *Meu Filho*, no entender de que outros pais deveriam enfrentar situações semelhantes e, portanto, ter interesse no assunto.

Aqui fica evidente uma discussão travada por Tuchman (1993) de que o jornalista invoca seu *news judgment* profissional que o diferencia dos demais pela capacidade de perceber o que é importante e interessante, além de dominar o que está pautado pelo senso comum. Na abordagem da interferência pessoal do jornalista, Serra

---

um evento, sendo que esses assuntos teriam sido objeto de reportagem/entrevista independentemente da existência ou não da campanha.

<sup>11</sup> FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *Limites teóricos e metodológicos nos estudos sobre a noticiabilidade*, 2002. Documento eletrônico.



alerta para os riscos de se cair num determinismo ao olhar apenas quantitativamente a ação do profissional sobre a cobertura jornalística ou reduzir essa análise à biografia dos jornalistas, mas sublinha o peso da atuação individual na configuração de diferentes enquadramentos na produção noticiosa. A autora faz ainda um questionamento: “a ação individual é de fato individual ou representa um posicionamento social?” (SERRA, 2004)<sup>12</sup>.

Talvez aí esteja a chave para pensar a ação do jornalista sobre a noticiabilidade sem desvinculá-la do contexto sócio-cultural, como propõe Franciscato (2002). Quando sugere como jornalisticamente relevante um assunto que lhe pareceu interessante fora do âmbito profissional ou que vivenciou, o jornalista não fala apenas por ele mas também do espaço onde está inserido, de suas relações sociais e da visão de mundo compartilhada com seus pares. Não à toa, foram observados três exemplos de pautas surgidas a partir de experiências privadas de amigos dos profissionais da redação.

Outra observação confirma esta hipótese: percebe-se no caderno *Meu Filho* a tendência de publicar mais assuntos relativos a crianças da mesma faixa etária dos filhos dos membros da redação que mais sugerem temas. Na comparação direta entre as pautas sugeridas pela editora, que não tem filhos, e pelo ex-editor, pai de dois garotos de cinco e sete anos, percebeu-se uma sutil diferença<sup>13</sup> que pode confirmar essa tendência. Os assuntos sugeridos por ele, baseados em experiências próprias ou não, detinham-se mais em circunstâncias que atingem crianças da idade de seus filhos ou de fases pelas quais eles já passaram (o processo de alfabetização, a estréia no colégio, crianças com agenda cheia de atividades, etc).

Sim, o caderno fala muito mais de crianças de oito, nove anos do que das de até 14 anos, que é até onde podemos ir. Já escreveram uma vez reclamando que a gente só fala de crianças pequenas. Acho que a gente não contempla pré-adolescente e nenezinho até dois anos. Isso dificilmente sai. E é meio cacoete, porque tem de sair. Mas aí vão aparecendo sugestões para outra faixa etária. (Editora do *Meu Filho*)

### **Atualidade atemporal**

As reportagens de comportamento via de regra põem em questão um fundamento básico do jornalismo: a atualidade. Como tratam na maioria das vezes de

---

<sup>12</sup> SERRA, Sonia. *Relendo o gatekeeper: notas sobre condicionantes no jornalismo*, 2004. Documento eletrônico.

<sup>13</sup> Apesar de a amostrar ser reduzida, o que impede generalizações.



temas atemporais (é possível falar hoje, daqui a uma semana ou em um ano de como conversar sobre sexo com os filhos, por exemplo), não estão submetidas à urgência e ao imediatismo típicos da notícia perecível. Essa atemporalidade, à primeira vista, contraria a noção de atualidade como “o coração e alma da atividade jornalística” (TRAQUINA, 1993)<sup>14</sup> e do jornalista como o profissional que põe “a velha adrenalina a correr” (SCHLESINGER, 1993)<sup>15</sup>.

Hoje, coexistem em uma mesma redação temporalidades distintas: os fechamentos diários do jornal e os semanais ou quinzenais dos seus suplementos. Nos cadernos, percebe-se o que Fontcuberta<sup>16</sup> chamou de temas de “larga duração”, que configurariam os meios como “fornecedores de serviços” – o poderia ser equivalente em nosso objeto de estudo a reportagens com o propósito de ajudar pais a criarem seus filhos.

No artigo *A atualidade no jornalismo*, Franciscato<sup>17</sup> propõe uma nova concepção para esse conceito: não mais (ou não apenas) um critério de noticiabilidade, mas atualidade como “um atributo que caracterizaria a potencialidade de um conteúdo como um elemento que possui importância na constituição da sociabilidade contemporânea”. Em síntese: seria atual um assunto julgado relevante pelo jornalista na construção das agendas públicas.

Como já foi visto, no caso do suplemento *Meu Filho*, a noção de atualidade das pautas está submetida à importância dada pelos jornalistas a experiências por eles vividas e observadas e suas visões de mundo. As cinco pautas que tinham um condicionante temporal (volta às aulas e dia dos namorados) obedeciam aos mesmos critérios. Verificou-se ainda a repetição de alguns temas no período analisado (como a importância da brincadeira), o que caracteriza o caráter muitas vezes circular das matérias não-factuais.

Desde antes de a criança nascer até os cinco anos, há 200 assuntos que tu podes citar em ordem e que as pessoas vão querer ler: quem não tinha filho no ano passado agora tem e vai querer ler. (...) Assim como os assuntos são cíclicos, a vida das pessoas também passa por esse ciclo, então em algum momento vai ser interessante para alguém. (Editora do *Meu Filho*)

---

<sup>14</sup> TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson (org). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*, p. 174, 1993.

<sup>15</sup> SCHLESINGER, Philip. Os jornalistas e a sua máquina do tempo. In: TRAQUINA, Nelson (org). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*, p. 189, 1993.

<sup>16</sup> FONTCUBERTA, Mar. La noticia – Pistas para percibir el mundo, p. 17, 1993.

<sup>17</sup> Documento eletrônico, 2000.



Essas coisas se repetem e os leitores do jornal não são sempre os mesmos, ou lêem e esquecem. E há novidades, às vezes. A maneira como tu tiras as fraldas hoje de uma criança é diferente do que era há 20 anos. O que determina a atualidade é que sempre vai ter crianças usando fraldas e tendo que tirá-las. Então, o tema se mantém.

(...) Claro que há uma diferença entre cobrir questões factuais e esses eventos que se repetem cotidianamente. Mas há muitas semelhanças também: os procedimentos jornalísticos vão ser os mesmos, a maneira como tu apuras, como tu relacionas esses dados com outros dados. (Ex-editor do *Meu Filho*)

Reportagens de comportamento, especialmente as circunscritas ao âmbito familiar, tematizam e conferem atualidade aos micro-eventos do cotidiano. Considerando-se que muitas vezes os jornalistas estão baseados nas próprias experiências ou nas vivências de colegas e amigos, pode-se cogitar uma hipótese curiosa: tomando-se o exemplo do *Meu Filho*, em que medida a vida privada dos produtores (que inspira reportagens) pode condicionar os questionamentos de outros pais e mães (os leitores)? Em síntese: em que medida os temas atuais para o jornalista tornam-se também atuais e relevantes para seu público? Claro que essa é uma hipótese extrema e não se quer aqui subestimar a capacidade de produção de sentido (e de resistência) do público, apenas reconhecer uma relativa autonomia do profissional na mediação temporal dos conteúdos midiáticos e, portanto, no agendamento de assuntos relevantes a discutir – ou, quem sabe repensar as relações familiares.

### **A rotina e a normalidade**

Por mais que se reconheça a capacidade de ação pessoal do jornalista, não se deve perder do horizonte a forte influência exercida pelas pressões do tempo, da organização e das rotinas de trabalho nem o grau e facilidade de acesso a informações e fontes como fatores determinantes na produção jornalística e na concepção de noticiabilidade, como já comprovaram estudos basilares do jornalismo (BREED, 1993; GALTUNG e RUGE, 1993; MOLOTCH e LESTER, 1993; SOLOSKI, 1993).

Para Franciscato, o “produto jornalístico oscila entre um trabalho marcadamente individual (quase autoral) e um trabalho coletivo, o que afeta diretamente os modos de sua produção, os valores aplicados a ele e as formas que ele assume socialmente” (2002)<sup>18</sup>. Assim, a subjetividade do produtor, seus valores, trajetória e visão de mundo

---

<sup>18</sup> FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *Limites teóricos e metodológicos nos estudos sobre a noticiabilidade*, 2002. Documento eletrônico.





concorrem as normas e valores compartilhados na cultura profissional e subjugados à hierarquia.

Nesta primeira fase de análise, foi possível verificar um condicionante da criação e elaboração das pautas do caderno *Meu Filho* que parece decisivo na produção de reportagens de comportamento em geral. Não basta abordar uma temática, elucidá-la por meio de especialistas, é preciso ilustrá-la com *cases*, o termo jornalístico para personagens relacionados aos eventos ou assuntos narrados, sem os quais o material não estaria de acordo com as normas profissionais. Essa tradição narrativa do jornalismo parece muitas vezes limitadora, desqualificando ou adiando uma determinada pauta por falta de condições de produzi-la.

O que acho que tem de ser dosado é que matérias de comportamento sempre ficam uma coisa de gincana. Tem que sair e encontrar uma criança, filha de pais separados, com pais numa cidade e a mãe na outra. É sempre essa gincana. Mas como poderia ser diferente? Se tivesse um repórter 24 horas em uma creche? Em um Shopping? (Ex-editor do *Meu Filho*)

Conta também (*na escolha dos assuntos*) o grau de dificuldade de achar as pessoas para a matéria. Tem coisas que não se resolvem em três dias, então a gente acaba colocando mais para frente para ter mais tempo. Tipo “acho que meu filho é gay”, pais que tenham uma criança pequena e acham que ela vai ser homossexual. Até hoje não achei ninguém para falar – mesmo em off. Outra pauta: meu filho preferido. Não achei também alguém que fale mesmo sem dar nome. Mas eu e o ex-editor achamos que isso existe. (...) Outra que não temos ninguém ainda é “estamos juntos só pelos nossos filhos”. Também não sei por onde procurar, tu não vai numa escola perguntar “quem dos teus alunos tu acha que é gay?”. (Editora do *Meu Filho*)

Da mesma forma que acontecimentos devem preencher determinados requisitos para ganhar status de notícia, temáticas mais delicadas ou tabus, sobre as quais não se encontram facilmente personagens dispostos a dar seu depoimento, têm menos chances de se transformar em reportagens de comportamento. Esta questão pode ser pensada à luz de outra dimensão da noticiabilidade destacada por Franciscato: normalidade e anormalidade (em que pode estar contida, a nosso ver, também a dimensão continuidade e ruptura, se considerada como processo e transformação). O autor define anormalidade como “uma forma de ruptura (...) referida a um ambiente de continuidade de hábitos e concepções em que predominantemente operam marcos culturais, que forneceriam as regras de reconhecimento e nomeação dos padrões de normalidade de comportamentos”

(2002)<sup>19</sup>. Para o autor, nos extremos, a normalidade estaria no campo do ordinário, e a anormalidade, no campo do extraordinário, do excessivo, do inédito, o que poderia levar, como ele mesmo destaca, a concepções redutoras na interpretação da relevância de um dato fato. Essa abordagem ganha importância com a premissa de que os *media* atuam como construtores da realidade social, estabelecendo parâmetros sobre o que é normativo e o que é desvio (BIRD-DARDENNE, 1993; TRAQUINA, 1993; TUCHMAN, 1983).

A partir do objeto estudado, podemos questionar o que está em explicitado nas reportagens de comportamento: a normalidade do cotidiano, das situações culturalmente compartilhadas, ou a anormalidade, o que contraria o esperado (como costuma ser o critério clássico para as notícias)? Então, a pergunta seguinte poderia ser: faz diferença? Estipular o normal já não é definir também o desvio? Talvez a questão em foco seja outra: “normal para quem?”.

### **Para quem se fala**

O requisito maior de noticiabilidade já foi definido por Chaparro<sup>20</sup> como o interesse do público, “parâmetro gerador dos critérios jornalísticos de valoração da informação”. Uma questão em pauta hoje no jornalismo é a dificuldade de saber exatamente para quem se está falando: o jornalista trabalha com o conceito de “audiência presumida” (VIZEU, 2004)<sup>21</sup>, com “um certo fator de profecia que se auto-realiza e, por vezes, a intenção de regular o público para o ajustar às imagens que dele possui o comunicador”, como diz McQuail<sup>22</sup>. Na visão de Franciscato<sup>23</sup>, o produto jornalístico decorre de uma permanente diálogo entre os interlocutores envolvidos na produção e na recepção, ainda que se admita que o interlocutor principal, o público, “tenha contornos pouco definidos”. Portanto, seria um diálogo que não necessariamente falado, mas de trocas mútuas de expectativas e intenções.

No caso do *Meu Filho*, essa interlocução parece se dar de duas formas. O caderno recebe e-mails semanalmente com comentários e sugestões de leitores – numa média de cinco a 10 por edição. Mesmo quando o leitor escreve somente para elogiar, a

---

<sup>19</sup> FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *Limites teóricos e metodológicos nos estudos sobre a noticiabilidade*, 2002. Documento eletrônico.

<sup>20</sup> CHAPARRO, Carlos. *Pragmática do Jornalismo*, p.118, 1994.

<sup>21</sup> VIZEU, Alfredo. *O jornalismo e as teorias intermediárias: cultura profissional, rotinas de trabalho, constrangimentos organizacionais e as perspectivas de análise de discurso*, 2004. Documento eletrônico.

<sup>22</sup> MCQUAIL apud WOLF, Mauro, *Teorias da Comunicação*, p.130, 1995.

<sup>23</sup> FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *Limites teóricos e metodológicos nos estudos sobre a noticiabilidade*, 2002. Documento eletrônico.



editora trava uma conversa eletrônica pedindo sugestões de pautas. No ato das entrevistas, algumas vezes também se colhe opiniões de leitores e fontes.

Além desse diálogo direto, limitado pela pouca participação espontânea de leitores, a busca de interlocução com o público também se dá na tentativa de presumir o que possa interessá-lo, seja pela escolha dos temas abordados, seja na forma como são apresentados.

Não temos um perfil muito claro do que seria o leitor do jornal, menos ainda do caderno. Não há um parâmetro para saber com quem a gente está falando. Essa é uma discussão longa não é só do jornalismo brasileiro nem contemporâneo, mas de todos os tempos. Então, o grande desafio é atingir uma clareza e uma sofisticação de linguagem e conteúdo que para conseguir se comunicar bem com diferentes públicos. (Ex-editor do *Meu Filho*)

Tenho a impressão de que (*os leitores*) são pais de crianças pequenas e muitos pais de primeira viagem que acreditam que um jornal pode ajudá-los a criar os filhos deles. (...) Mas não acho que fique para eles um ar pretensioso. Ao menos, tento que não fique. Quem sou eu que não tenho filho para ensinar quem tem filhos? Tentamos dar situações bem concretas para que as pessoas se identifiquem, filtrar o que dizem os especialistas para não dar apenas teorias, apresentar situações do dia-a-dia mesmo. Aí não fica tão pedante. (...) Busco o que possa interessar a um número maior de famílias. Tento me colocar no lugar de quem leria para que a matéria tenha tantos pontos de vista que com algum a pessoa vai se identificar. Mas se a entrevista não vai além da segunda pergunta já desconfio da pauta. (Editora do *Meu Filho*)

Desde o lançamento do caderno, trabalha-se com uma noção de público que tem servido de parâmetro: famílias de classe média, com filhos de até 14 anos. Quando abriu-se um espaço na contracapa do suplemento para que leitores enviassem fotos de seus filhos, percebeu-se que o público é mais amplo do que o foco imaginado: chegaram à redação também e-mails e cartas de frentistas, auxiliares de escritórios e pessoas de outras profissões tradicionalmente com baixa remuneração. Nesse retorno dos leitores, o perfil das audiências mostrou-se diferente do imaginado. A partir daí, é possível concluir tanto o sucesso das estratégias para contemplar um público amplo e multifacetado, quanto a dificuldade real dos meios massivos de saber para quem falam.

Podemos partir, então, para um outro questionamento: “o conteúdo dos meios é, de fato, resultado das demandas do público ou o público demanda o que os meios

oferecem?” (FONTCUBERTA, 1993)<sup>24</sup>. Mesmo quando funciona como um parâmetro norteador da prática jornalística, o público ainda é um guia pouco conhecido, como afirma Franciscato (2002).

Talvez esta questão fique ainda mais evidente no jornalismo não-factual, em que a suposta objetividade de critérios de noticiabilidade não é tão aplicável: além do público, também servem de parâmetro, como foi dito acima, as experiências vividas e observadas e a visão de mundo dos próprios jornalistas, compartilhada com seus pares. Mas é importante destacar que essa é uma relação complexa e que um parâmetro não anula o outro, ao contrário. Percebe-se, a tentativa de buscar um equilíbrio.

Só penso isso (*que fez um bom trabalho*) quando muitas pessoas escrevem para o caderno. Uma mãe escreveu que descobriu pelo jornal que o filho tinha déficit de atenção. Aí, penso que posso estar fazendo alguma diferença. O termômetro também vai muito de mim. Se as pessoas ficaram comentando é porque foram surpreendidas e gostaram a ponto de escrever o e-mail: boa matéria é aquela que provoca discussão. Então, meu termômetro é o leitor. E os colegas. Minha mãe também é um termômetro. Se ela comenta, acho que está ok. Ela é mãe e é professora, convive com crianças. E se pessoas que não têm filhos, que não teriam em tese por que ler a matéria, comentam, também levo em conta. (Editora do *Meu Filho*)

## Considerações finais

Buscou-se com este trabalho lançar luz sobre um objeto que ainda pouco explorado nos estudos em jornalismo, as reportagens de comportamento. O percurso construído até aqui permite vislumbrar como, na ausência do acontecimento (na acepção jornalística do termo) como base, o jornalismo não-factual pode dar caráter público aos micro-eventos cotidianos, que poderiam parecer pouco relevantes ao primeiro olhar. Constatamos pelo estudo realizado<sup>25</sup> que também a falta de um acontecimento basilar ou urgente (perceível) pode conferir maior capacidade de ação do jornalista na definição da noticiabilidade e até da atualidade de temáticas a serem abordadas, em detrimento dos demais condicionantes que atuam nos processos produtivos.

Mais do que uma conclusão, trata-se de um ponto de partida para pensar o exercício jornalístico em um momento em que crescem publicações (como suplementos de jornais ou revistas temáticas) dedicadas a compreender, elucidar e até mesmo guiar

---

<sup>24</sup> FONTCUBERTA, Mar. *La noticia – Pistas para percibir el mundo*, p. 42, 1993

<sup>25</sup> Ressalvando-se que trata-se de um estudo em fase inicial.



as grandes e pequenas problemáticas cotidianas e familiares. Considerando-se que muitas destas reportagens/abordagens usam verbos no imperativo, chamam o leitor de você e dão dicas de como resolver ou repensar seus problemas domésticos e de relações, pensamos ser necessário um olhar mais atento sobre esse segmento do jornalismo.

A intenção aqui, contudo, não é apenas destacar a importância das reportagens de comportamento e seu estudo, mas mostrar como a análise das mesmas pode ajudar a ver com mais nitidez questões relevantes também no jornalismo factual: a capacidade de interferência do jornalista na definição do interesse público, na mediação temporal dos conteúdos midiáticos e na determinação do que é desvio e do que é padrão na realidade construída pelos veículos de comunicação. Também foi evidenciada a dificuldade de saber para quem se fala no jornalismo e a insuficiência de parâmetros para presumir ou antecipar as expectativas público imaginado. Na gênese das pautas de comportamento, em um primeiro olhar, parece que quem primeiro se vê contemplado são os próprios jornalistas.

### **Referências bibliográficas**

BREED, Warren. Controlo social na redacção. Uma análise funcional In: TRAQUINA, Nelson. (org). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja Ltda, 1993. P.152-166.

CHAPARRO, Manuel Carlos. *Pragmática do Jornalismo*. São Paulo: Summus, 1994.

FONTCUBERTA, Mar de. *La noticia. Pistas para percibir el mundo*. Barcelona, Paidós, 1993.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *A atualidade no jornalismo*, Porto Alegre, Compós, 2000. Disponível em : <http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2000/franciscato2000.doc>

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. *Limites teóricos e metodológicos nos estudos sobre a noticiabilidade*, Rio de Janeiro, Compós, 2002. Disponível em:

<http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2002/franciscato2002.doc>

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. A estrutura do noticiário estrangeiro: a apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros. In: TRAQUINA, Nelson. (org). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja Ltda, 1993. P. 61-73.

MOLOTCH, Harbey; LESTER, Marilyn. As notícias como procedimento intencional. In: TRAQUINA, Nelson. (org). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja Ltda, 1993. P. 34-51.



SCHLESINGER, Philip. Os jornalistas e a sua máquina do tempo. In: TRAQUINA, Nelson. (org). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja Ltda, 1993. P.177-190.

SERRA, Sônia. *Relendo o gatekeeper: notas sobre condicionantes no jornalismo*. São Bernardo do Campo, Compós, 2004. Disponível em:

<http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2004/soniaserra2004.doc>

SOLOSKI, John. O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. In: TRAQUINA, Nelson. (org). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja Ltda, 1993. P.91-100.

TRAQUINA, Nelson. *As notícias*. In: TRAQUINA, Nelson (org). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja Ltda, 1993. P.167-176.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson. (org). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja Ltda, 1993. P.91-100..

VIZEU, Alfredo. *O jornalismo e as teorias intermediárias: cultura profissional, rotinas de trabalho, constrangimentos organizacionais e as perspectivas de análise de discurso*. Observatório da Imprensa, 2 de março de 2004. Disponível em:

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>

WHITE, David Manning. O Gatekeeper: uma análise de caso na seleção das notícias. In: TRAQUINA, Nelson. (org). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja Ltda, 1993. P. 142-151.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 1995.